

Artigo

DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7976.2017v24n38p360>

“God wants me to be president”: O papel do cinturão bíblico na política contra o terror durante os governos de George W. Bush

“God wants me to be president”: The role of the Bible Belt in the policy against terror during the George W. Bush governments

Filipe Almeida do Prado Mendonça¹
Gabriel de Almeida Ribeiro²

Resumo: Este artigo busca identificar aspectos da relação entre religião e política externa nos Estados Unidos. Afirma-se que tal relação é determinante para a compreensão da política internacional do governo de George W Bush (2001-2009). Isso se dá em grande medida devido o peso eleitoral do cinturão bíblico (*bible belt*). Esta região compreende a área do extremo sul dos Estados Unidos, predominantemente conservadora e cristã. Dessa maneira, afirmamos que a religião é decisiva no contexto político estadunidense. Sendo assim, verifica-se que o “cinturão bíblico” exerce influência também na política externa, legitimando por meio do discurso parte dos posicionamentos norte-americanos no cenário internacional e nas estruturas da governança global (2001-2009).

Palavras-chave: cinturão bíblico, política externa, conservadorismo religioso, partido Republicano

Abstract: This article seeks to identify aspects of the relation between religion and foreign policy in the United States. It is believed that this relation is decisive for understanding the international politics of George W Bush’s government (2001-2009). It happens due to the biblical weight of the Bible Belt. This region comprises predominantly conservative and Christian southernmost area of the United States. In this way, we affirm that religion is decisive in the American political context. Thus, the “biblical belt” also exerts influence in foreign

 Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

policy, legitimizing through discourse part of the American positions in the international scene and in the structures of global governance (2001-2009).

Keywords: bible belt, foreign policy, religious conservatism, Republican party

Introdução

A sociedade estadunidense é em sua maioria religiosa e o cristianismo é de longe a principal corrente. Segundo uma pesquisa realizada pela *Pew Research Center*³, 70,6% da população daquele país é cristã, sendo 51,3% protestantes, 23,9% católicos, 1,7% mórmons. Além dos cristãos, 4,7% professam outro tipo de fé (judaísmo, islamismo, budismo, hinduísmo, entre outras), enquanto 16,1% se consideram ateus ou agnósticos. Neste contexto, destaca-se a área conhecida como “o cinturão bíblico” (*bible belt*) que abrange o extremo sul e sudoeste do país com percentual de cristãos acima da média nacional, composto pelos estados federados da Carolina do Sul (78%), Carolina do Norte (77%), Alabama (86%), Geórgia (79%), Mississippi (83%), Tennessee (81%), Kentucky (76%), Arkansas (79%), Texas (77%), Missouri (77%), Oklahoma (79%), Louisiana (84%), Virgínia (73%) e parte da Flórida (70%), Kansas (76%), Illinois (71%), Virgínia Ocidental (78%), Ohio (73%) e Novo México (75%) com população cristã, defensora de valores tradicionalistas e, por conseguinte, mais próxima ao partido republicano.

A influência conservadora/religiosa não se limita aos processos eleitorais, mas também se manifesta na formulação de políticas, tanto domésticas quanto internacionais, como parece ter ficado evidente durante o governo de George W. Bush. Existe, portanto, uma relação entre o peso político eleitoral desta região que compõe o cinturão bíblico com a formulação da política externa estadunidense, principalmente em momentos de crise.⁴

Os atentados terroristas de 2001 potencializaram esta relação: George W. Bush (2001-2009) elege o combate ao terror como foco de sua política externa e, dessa forma, dá contornos à doutrina Bush, resgatando e superestimando valores caros à sociedade norte-americana como o destino manifesto e o excepcionalismo. A doutrina, portanto, entendia os Estados Unidos como “protetores” do mundo contra o terrorismo.⁵

O destino manifesto tem raízes profundas na história norte-americana. No século XVIII, a América do Norte serviu como destino de perseguidos políticos e religiosos, além de se apresentar como região de oportunidades num cenário de crises econômicas intensas. A partir da tradição cristã/protestante, gerou-se um sentimento de missão em termos bíblicos onde aqueles que antes estavam impedidos de praticar sua religião na Europa almejavam por colocar em prática os ensinamentos religiosos sem discriminações. Segundo Luiza Mateo⁶, os puritanos imigrantes, impossibilitados de seguir sua fé na Europa,

criaram uma atmosfera religiosa na América em que pudessem desfrutar de suas liberdades religiosas longe de suas terras conflituosas. Com isso, deu-se origem a um ideário do “Destino Manifesto”, remetendo os primeiros peregrinos à concepção de predestinação divina, consolidando suas colônias a partir desta visão de mundo.

Na mesma direção, o “excepcionalismo” norte-americano, cujo ideário pode ser explicado pela própria história dos Estados Unidos, alimenta a crença de que esta nação tem uma missão extraordinária no mundo. É uma percepção que, de forma ideológica, foi moldando a população desde os tempos coloniais e a religião, como pano de fundo simbólico, serviu como um arranjo identitário e que cumpriu, por sua vez, um dos mais relevantes papéis no desenvolvimento da América contemporânea⁷. Para tanto, esta ideia aceita interpretações seculares e religiosas de modo que a crença de ocupar um papel excepcional no mundo está assentada intrinsecamente no liberalismo lockeano, no capitalismo liberal, na democracia republicana e na própria providência divina. Segundo Fonseca⁸ a variante secular do “excepcionalismo” enfatiza as peculiaridades do modelo político democrático e liberal dos Estados Unidos. Dessa forma, parece haver neste país um impulso a um tipo de “evangelização do mundo” criando, portanto, uma trajetória que, embora oscilante, a depender da conjuntura, inclina a política externa dos Estados Unidos na direção da difusão de valores cristãos marcados por mitos, tais como o excepcionalismo e o destino manifesto.

Não é novidade que a atuação política estadunidense depende das idiosincrasias de sua política interna que, por vezes, dita o comportamento e seu posicionamento no sistema internacional. Entretanto, a novidade do governo de George W. Bush está na forma como a nova doutrina de segurança estimulou a ascensão de uma direita cristã que coloca os valores morais no centro da política norte-americana⁹. Neste sentido o período é marcado por um tipo de teologia hegemônica que se expande na mentalidade evangélica do cinturão bíblico, ancorada na crença da existência de uma “comunidade de destino” que atua como um ideal instrumentalizado pelo partido republicano. Deste modo, pretendemos neste artigo fazer apontamentos no sentido demonstrar a centralidade da direita religiosa estadunidense na política externa deste país durante a administração de George W. Bush, acompanhado de um discurso, sobretudo messiânico, de combate ao terrorismo e difusão da democracia.

Isso ocorre porque no plano internacional a religião tem exercido grande influência, seja por movimentos transnacionais, seja por conflitos étnico-nacionais ou pela formatação de identidades ou legitimação política¹⁰. Os Estados Unidos apresentam um grande número de devotos com histórica ligação com a construção dos “mitos fundacionais” e do “espírito americano”. Daí surge discursos tais como “*divine providence*”, “*city upon a hill*”, “*chosen people*”, “*errand into the wilderness*”, entre outros¹¹. Sendo assim, historicamente o puritanismo, por exemplo, influencia o governo, a cultura, a economia, além

de moldar políticas públicas, uma leitura sobre moralidade e credo e forjar um discurso que aponta para o “caráter excepcional” dos Estados Unidos.

Para Mateo¹², este processo constituiu o que pode ser chamado de “américa profunda”, onde os mitos fundacionais, a linguagem religiosa e a religião civil se fundem, sendo esta última entendida como os processos políticos impulsionados pela simbologia religiosa¹³. Nesse sentido, verifica-se que o caráter teológico é sempre reforçado com o emprego de expressões tais como “chamado divino”, “missão”, “cruzada” e constantes pedidos de bênçãos e preces para a nação. Isto gera uma renovação do caráter teológico construído desde o período colonial até os dias atuais. Não diferente, a “guerra ao terror” é subproduto da “América Profunda”, onde mescla-se no discurso o mito da “excepcionalidade” causando assim forte ressonância no imaginário da sociedade estadunidense.¹⁴

Nota-se, portanto, que o caso estadunidense é singular uma vez que ali os ideários protestantes encontraram terreno fértil, criando um efeito espiral onde a relação entre religião (que cria a base teológica para os mitos fundacionais) e política (fundamentada no excepcionalismo) se reforça. Ademais, a religião permitiu aos estadunidenses associar secularismo político com religiosidade social, isto é, a crença no divino e na pátria que confere, por sua vez, um sentimento de santidade religiosa associada ao patriotismo e legitimidade nacionalista. O efeito prático disso foi um tipo de interação onde os grupos religiosos, com destaque para os protestantes, passam a se articular em torno de uma agenda conservadora e que, por sua vez, conseguem estabelecer influência no debate sobre moralidade, além de mobilizar os devotos nas eleições no plano local e nacional, como importantes desdobramentos no tipo de política internacional adotada pelo país. Em outras palavras, a forma como os Estados Unidos se comporta no plano internacional não é definido exclusivamente por um cálculo político e estratégico definido em termos de poder, mas também pela maneira com que o país se percebe em torno de sua missão perante Deus e o mundo.

Neste sentido, coube ao partido republicano fomentar um diálogo mais forte com este discurso religioso. Não à toa é neste partido que recai uma concepção de política, tanto nacional como internacional. Segundo Fingerut¹⁵, o termo “conservador” remonta à formação de uma “nova direita” que foi representada durante o governo Bush pelos “neoconservadores”. De fato, o sistema partidário dos Estados Unidos é estruturado ideologicamente. O partido Republicano, ou o *Grand Old Party*, tem uma forte fundação ideológica que remonta ao partido *Whig* e, dentro deste, surgiu a coalizão-cristã.

Em suma, a direita cristã é conhecida por utilizar a política como uma ferramenta para a consolidação dos ideais de nação e de sociedade segundo seus preceitos ideológicos¹⁶. Em tempos de eleição, conseguem se articular e amplificar seu peso eleitoral. Esta coalizão cristã ajuda na consolidação da

estrutura de pressão e poder incluindo lobby direto na porta dos congressos, conselhos decisórios de lideranças, grande eficiência em arrecadação de fundos e penetração comunicativa, seja em emissoras de tv, rádio e até à utilização de milhares de igrejas espalhadas pelos Estados Unidos. É um movimento evangélico em seu sentido religioso e político, além de serem contra à temas como homossexualismo, aborto, células-tronco etc. George W. Bush e outros importantes nomes da política norte-americana venceram apoiando e sendo apoiados por essa estrutura¹⁷, influenciando a política externa por meio do direcionamento das prioridades governamentais.

Fato é que este tipo de autocompreensão religiosa gera fortes impulsos internacionais, criando um tipo de política externa que constantemente se remete aos “valores americanos” onde seu sistema político e sua história são elementos dignos de admiração universal, uma vez que, os Estados Unidos têm o destino e a missão de desempenhar um papel diferente e positivo no cenário internacional. Segundo Walt,

Esta fé incontestável no excepcionalismo americano torna mais difícil para os americanos compreender por que os outros são menos entusiasmados com o domínio dos EUA, muitas vezes alarmado com as políticas dos EUA e, frequentemente, irritados com o que eles veem como a hipocrisia dos EUA, se o assunto é a posse de armas nucleares, de conformidade com direito internacional, ou a tendência da América em condenar a conduta dos outros, ignorando seus próprios fracassos. Ironicamente, política externa dos EUA provavelmente seria mais eficaz se os americanos fossem menos convencidos de suas próprias virtudes únicas e menos ansiosos ao proclama-las.¹⁸

O grande despertar, a política internacional e o discurso religioso nos Estados Unidos

Jeffrey Haynes¹⁹, a partir do conceito de persuasão moral-religiosa e poder brando (*soft power*), aponta para a ligação entre a religião e a política externa norte-americana, com destaque para o modo com que os evangélicos conseguem angariar apoio em torno de determinadas pautas. Em linhas gerais, conservadores religiosos evangélicos reunidos na direita-cristã utilizam da estratégia da persuasão moral-religiosa na construção do “imaginário americano”.

Segundo Der Derian²⁰, a estratégia mescla o mito da excepcionalidade à revelação religiosa que pensa a política externa como uma ferramenta que tenta recriar o mundo sob os auspícios do puritanismo. Na sociedade estadunidense, desde sua formação, é possível encontrar elementos religiosos que moldam a realidade da política de modo que nos discursos políticos, a

“missão americana”, sob a tutela da “providência divina”, será apontada a fim de ajudar na legitimação e fortalecimento do próprio discurso para com o povo.

²¹ Na década de 1970 estes evangélicos ativistas iniciaram suas mobilizações em torno das questões domésticas tais como aborto, homossexualismo, valores familiares e outros. Por vezes, essas mobilizações conseguiram mobilizar o Congresso, a Suprema Corte e até mesmo a Casa Branca. Já na década de 1990, os evangélicos entraram no campo da defesa dos direitos humanos e das liberdades religiosas. Mais recentemente, foram ativos na primeira e segunda campanha de George W. Bush.

Segundo Resende²², a guerra ao terror foi fruto de uma construção interpretativa do mundo com forte conteúdo ideológico/religioso. Ademais, verifica-se que a direita cristã, além de atuar orbitando o partido republicano, tem ligações com a região que compõe o cinturão bíblico e que possui uma agenda própria e religiosa de política externa. Segundo Joey Long, a religião se tornou uma importante variável na compreensão da política externa dos Estados Unidos na era Bush, com crescente participação de lideranças religiosas nos processos de formulação, com impacto em questões tais como liberdade religiosa e o direito das mulheres.²³

Na década de 2000 esta direita cristã amplia suas capacidades. Com isso, ganham força os processos de afirmação do discurso messiânico e de uma atitude ativa dos Estados Unidos na expansão da democracia e no combate ao terrorismo. É neste contexto também que o *lobby* religioso consegue a aprovação de algumas leis tais como o *International Religious Freedom Act* de 1998, o *Trafficking Victims Protection Act* de 2000, o *The Sudan Peace Act* de 2002 e o *North Korea Human Rights Act* de 2004.²⁴

Com isso, a missão da nação “do alto da colina” ganha reforços importantes na projeção para o mundo de seus valores de democracia, direitos humanos, justiça, prosperidade e felicidade, com desdobramentos na política internacional. Neste sentido, o cinturão bíblico se destaca. Como vimos, são majoritariamente cristão-protestante e em boa medida fundamentalistas, tradicionalistas, e possuem grande importância política e eleitoral e na formulação da política externa norte-americana, guiada por ideias baseadas na própria religião que apontam para uma conduta moral e valores éticos.²⁵

Entretanto, a importância desta região na política estadunidense não é fenômeno novo. O discurso religioso não se dissolve de maneira homogênea no território estadunidense: as diferenças entre o norte e o sul são históricas e profundas, levando inclusive ao enfrentamento militar em 1861 na Guerra de Secessão.²⁶ Enquanto o norte tem historicamente uma postura mais cética, coube ao sul, historicamente, o grosso da difusão do discurso religioso estadunidense tanto no plano doméstico como no plano internacional. Ademais, se considerarmos também as especificidades do sistema eleitoral norte-americano, nota-se à importância da religião na escolha de qualquer presidente.

Mas é no final do século XVIII que dá-se início a uma nova revolução da religião, fato que ficou conhecido como o grande despertar (*Great Awakening*), descrito como o “segundo pentecostes”.

Este movimento espalha-se pelo sul do país por meio das três denominações mais importantes: batistas, presbiterianos e metodistas. Segundo a interpretação da época, acreditava-se que o espírito santo se movia de modo a motivar o espírito humano à serviço do divino para a reafirmação da fé. Segundo Bogan

A religião tomou o sul de forma avassaladora, dos presbiterianos aos metodistas [...] Muitos sermões eram recheados de termos tais como fogo do inferno e enxofre. As congregações foram inteiramente tomadas pela pregação da palavra de Deus [...]. Eles pulavam, rastejavam, rolavam no chão, choravam, gemiam, falavam línguas estranhas. Uma vez que o Espírito Santo entrava em cena, levantava-se uma briza e uma paz celestial seguida de conversões.²⁷

Já para John Boles²⁸, esta rápida disseminação se explica pelo modo de vida da população. Mais especificamente, acredita que foi em Logan County, Kentucky, que o processo conhecido como o grande despertar foi iniciado com os *camp meetings*.²⁹ Nas palavras de Boles³⁰, a crença era a de que “Deus faria seu trabalho de maneiras estranhas e maravilhosas. Esta manifestação milagrosa seria o selo, provando a autenticidade do avivamento enviado pelos céus”. Os acontecimentos em Logan County se espalham pelo sul, quase como reação natural que culmina com o grande despertar em todo o sul. Esta difusão do renascimento ou restauração da fé nestas regiões deu a Kentucky uma imagem especial aos olhos dos fiéis.

Verifica-se que este movimento que toma conta do sul e sudeste do país, marcado por uma teologia evangélica que coloca peso na agência da providência divina por meio de seus fieis, acreditava também que a igreja triunfaria e os princípios cristãos libertariam o mundo. Este seria o novo “destino manifesto”, interpretação que ganha força no cinturão bíblico, com revitalização da fé e com tentativas de construção “do reino” com a missão especial de revitalização da fé como sendo a realização da própria vontade divina por meio de seu povo eleito. Por vezes, acreditavam também que a providência divina havia assegurado a independência dos Estados Unidos, uma vez que partilhavam da crença de que este país foi originalmente designado para a religião e para a liberdade.

Esta formação discursiva dá conteúdo e especificidade ao caso estadunidense, produzindo significados e representações da realidade nas esferas de poder, criando realidades que moldam a ação política. Neste sentido, Resende afirma que “os discursos permitem expressar, comparar, classificar, separar e criar representações sobre o passado, presente, futuro e

assim construir respectivas realidades”.³¹ Sendo assim, a autora aponta para relações de poder que exercem influência nos discursos e assim consolidam determinadas visões de mundo. No que se refere à construção de identidades, ressalta-se que só é possível quando o discurso utiliza um significante vazio e que, por sua vez, seja apto a juntar um conjunto heterogêneo de demandas em uma única “cadeia de equivalência” para ser possível traçar uma linha de separação “entre a coletividade e seu outro constitutivo”. Portanto, ser cristão protestante gera um determinado tipo de identidade frente às outras que, por sua vez, funciona como elemento de coesão social.

A guerra ao terror durante a gestão de George W. Bush filho serve como exemplo deste tipo de articulação discursiva. Érica Resende³², por exemplo, verificou o uso constante de pronomes pessoais e possessivos na primeira pessoa do plural e ainda os termos como América, nação, liberdade, nós, povo, entre outros³³. “Eu sou sustentado pelas orações do povo deste país”³⁴. Em 2002 Bush declarou que “precisamos de juizes que entendam que nossos direitos foram derivados de Deus”³⁵. No discurso de Bush no congresso dos EUA, por exemplo, proferido no dia 20 de setembro de 2001, verifica-se o uso de um discurso político com traços proveniente deste tipo de narrativa:

O curso desse conflito é desconhecido, mas seu final é certo. Liberdade e medo, justiça e crueldade, sempre estiveram em guerra, e sabemos que Deus não é neutro entre eles. Caros cidadãos, enfrentaremos violência com justiça paciente-seguros de que a nossa causa é justa e confiantes na vitória futura. Em tudo que está a nossa frente, que Deus nos dê sabedoria, e que Ele zele pelos Estados Unidos da América. Obrigado³⁶

Verifica-se nestes e em outros discursos presidenciais elementos de articulação com apelo ao divino. O uso da palavra “nós” ou “nosso”, por exemplo, remete a um especial potencial e possui uma condição dêitica que faz gerar um sentimento de coesão. Como nos ensina Érica Resende³⁷, tratam-se de discursos que geram elementos aglutinadores entre o povo e, por conseguinte, fazem com que os ouvintes se posicionem. O emprego destes termos é autorreferente e dá significado para a coletividade de modo que permite ainda renovar o sentido de “americanidade” proposto tanto pelo âmbito religioso quanto pelo âmbito político. Para a autora, as palavras adquirem significados através dos discursos e, dessa forma, a própria guerra ao terror, como a guerra fria, a articulação discursiva possuía elementos de uma mesma origem: o puritanismo. Verifica-se nos discursos do presidente um apelo constante da luta entre o “bem e o mal”.

Como elemento de coesão entre os políticos e a direita cristã, observa-se claramente a ideia de que os valores do país têm validade universal e, por

isso, deve-se exportar estes valores não só como uma estratégia de defesa nacional, mas também como uma missão dos Estados Unidos na tentativa de moralizar o mundo. Portanto, destaca-se deste tipo de discurso o elemento que evoca diretamente a “missão” juntamente com os objetivos da república perante a defesa da liberdade e da predestinação divina dos Estados Unidos. Estes discursos, então, atuam de maneira a reafirmar a identidade nacional.³⁸ É a ideologia puritana sendo impressa na política por meio do uso de expressões tais como “América excepcional” e “farol do mundo” de modo a buscar a reprodução do sermão puritano por meio da linguagem e símbolos empregados nos discursos.

Não só isso, o discurso se institucionaliza quando cria, por exemplo, a NSS (National Security Council) que, além de sintetizar a doutrina Bush, tinha como discurso principal a necessidade de combate do terrorismo mundial por meio da força. Este movimento reafirma o ideário que enxerga os Estados Unidos como protetores do mundo contra o terrorismo. Neste sentido, a pesquisadora Bárbara Mitchell afirma haver evidências no documento NSS de traços da doutrina do Destino Manifesto e de “excepcionalismo”.³⁹ A assessora de Segurança Nacional de George W. Bush, Condoleezza Rice, foi uma das principais fomentadoras desse discurso, com bases no princípio do destino manifesto. Rice declarou para a revista cristã *Charisma Magazine* o seguinte:

Eu fui religiosa toda a minha vida. Não me lembro de um único dia que eu tenha questionado a existência de Deus. Meu perigo era outro; quando você está muito certa de sua fé religiosa, você acaba sendo guiada no modo piloto automático.⁴⁰

No tocante à guerra ao terror, apresenta-se a constante luta entre o “bem e o mal” de modo que a linguagem utilizada marca uma oposição entre os estadunidenses (os “heróis”) e o outro (terroristas “vilões”). É a figura do estadunidense como “puros” e “inocentes”, porém fortes e com a tutela de Deus na realização de seu propósito de defesa da nação “excepcional” e “predestinada por Deus” para defesa da justiça, liberdade e progresso no mundo. Dessa forma, o ideário produzido é o de que todas as decisões norte-americanas, bem como todas as suas ações, são moralmente certas e necessárias. O elemento religioso no discurso da “guerra ao terror” consegue apropriar-se da mitologia que já remete ao ideal puritano, do destino manifesto, e da predestinação teológica para construção de um caráter incontestável e imperativo ao relacionar a política de combate ao terrorismo como dever de uma nação que, segundo a mitologia, é abençoada e escolhida por Deus para atuar segundo seu nome⁴¹. Neste sentido, no dia 21 de setembro de 2001, em discurso feito no Congresso dos Estados Unidos, George W. Bush afirmou que

Nossa guerra contra o terror começa com a Al Qaeda, mas isso não termina lá. Isso não acabará até que todo grupo terrorista de alcance global tenha sido encontrado, parado e derrotado [...]. Eles odeiam nossas liberdades - nossa liberdade religiosa, nossa liberdade de expressão, nossa liberdade de voto, reunir e discordar uns dos outros. [...] A diretiva dos terroristas ordena o extermínio de cristãos e judeus, de todos os americanos, e não fazem distinção entre militares e civis, incluindo mulheres e crianças. O curso deste conflito não é conhecido, mas seu resultado é certo. Liberdade e medo, justiça e crueldade, sempre estiveram em guerra, e sabemos que Deus não é neutro nestes assuntos [...] Tudo o que está diante de nós, que Deus nos conceda sabedoria, e que ele vigie os Estados Unidos da América.⁴²

Este discurso nos mostra, entre outras coisas, que no caso da guerra ao terror, a linguagem utilizada foi a apocalíptica e bíblica de modo que o terrorismo passou a significar uma ameaça não só aos Estados Unidos mas para o mundo e, dessa forma, o povo estadunidense seria o povo eleito por Deus para iluminar o caminho da salvação. Esse discurso, ao mesmo tempo em que inspirou conforto e esperança frente ao perigo terrorista, se desdobrou em controle rígido em busca de ordem e coesão, inclusive com violações a direitos civis clássicos como parece ter sido o caso da aprovação do *USA Patriot Act* em 2001.

Construiu-se uma realidade que foi aceita como auto evidente e como verdade incontestável. Foi um discurso linguístico-cultural que impôs uma realidade para dar sentido à nova doutrina de segurança. A guerra ao terror foi, portanto, marcada por referências bíblicas, metáforas e símbolos religiosos que construiu para o ideário de que os Estados Unidos são a nação escolhida por Deus. Dessa forma, messianismo e idealismo político são itens que estão relacionados nos discursos presidenciais, com destaque para George W. Bush.

Agenda religiosa, eleições nos Estados Unidos e o Cinturão Bíblico

Em linhas gerais, os conservadores religiosos, organizados em torno do partido republicano, influenciam diretamente nas eleições políticas dos Estados Unidos. Ainda assim, esta influência conservadora/religiosa não se limita aos processos eleitorais. Ela também se manifesta na política externa: o país determina seu comportamento internacional considerando a missão que possuem de levar o progresso segundo a providência divina. Embora tal fenômeno não seja novo, ele ganha dimensões na gestão de Bush.

Em termos de agenda, segundo Figuerut, a direita cristã vota em favor da supremacia militar como geradora da identidade nacional bem como

sustentam que os Estados Unidos são o modelo de nação a ser seguido.⁴³ Dessa forma, os neoconservadores sustentaram uma ofensiva militar como resposta aos 11 de setembro, além de proporem novas guerras, novos valores e uma nova política externa. Com isso em mente, George W. Bush passa a imprimir uma política unilateral e disposta a intervir no exterior a partir de uma visão moral do mundo. A política externa de Bush com relação a Israel, com relação à ONU, combate ao terrorismo, guerra às drogas e combate a pornografia, entre outras, ganhou contornos muito próximos às agendas e interesses desta direita cristã. Dessa forma, são anti-contracultura (revolução sexual) e são a favor do controle ou proibição da violência e da pornografia. Os falcões Colin Powell, Dick Cheney, Condoleezza Rice e Donald Rumsfeld, de um modo ou de outro, eram subprodutos desta visão de mundo.

Já o sistema eleitoral responsável pela eleição do presidente dos Estados Unidos é complexo e ancorado em 538 colégios eleitorais em 50 estados federados mais o distrito federal, com a maioria adotando o modelo *winner-takes-all*. Esta característica típica do federalismo norte-americano pode gerar cenários onde o candidato mais votado não assuma o cargo. Isso ocorreu, por exemplo, nas eleições de 2000, quando Al Gore, embora mais votado do que George W. Bush, teve menos delegados do que seu rival; no pleito de 2016, embora Hillary Clinton tenha conseguido mais votos na contagem geral do que seu rival, Donald Trump, ela perde em colégios eleitorais importantes, custando-lhe a vitória. Nas eleições de 2000, dos 538 delegados em disputa, o cinturão bíblico era responsável por 228 (42,3%). Em 2004 este número sobe para 231 (42,9%), e em 2016 para 233 (43,3%).

Tabela 1: Peso eleitoral do cinturão bíblico (1992-2016)

Election Year	1992 1996 2000	2004 2008	2012 2016
Alabama	9	9	9
Arkansas	6	6	6
Florida	25	27	29
Georgia	13	15	16
Illinois	22	21	20
Kansas	6	6	6
Kentucky	8	8	8
Louisiana	9	9	8

Mississippi	7	6	6
Missouri	11	11	10
New Mexico	5	5	5
North Carolina	14	15	15
Ohio	21	20	18
Oklahoma	8	7	7
South Dakota	3	3	3
Tennessee	11	11	11
Texas	32	34	38
Virginia	13	13	13
West Virginia	5	5	5
Total	228	231	233

Tabela elaborada pelos autores a partir de dados extraídos de <http://www.thegreenpapers.com>

Como visto anteriormente, o partido republicano possui uma denominação religiosa evangélico-protestante. Para Campbell⁴⁴, esta relação entre política e religião é uma das grandes ironias da política norte-americana ao passo que introduz a religiosidade pessoal nas eleições e nas políticas presidenciais. Quando se trata da candidatura de George W. Bush, por exemplo, ressalta-se que o mesmo utilizou de uma retórica religiosa evangélica-protestante assim como ocorreu com outros presidentes. Ainda assim, o autor ressalta o apoio que teve das comunidades evangélicas e dos estados do cinturão bíblico, de modo que esta foi a região em que Bush contou com maior apoio e direcionou suas atenções e mobilizações a fim de conseguir cada vez mais os votos dos evangélicos. Ainda segundo este autor,

Devido à coalizão dos religiosos, o Partido Republicano enfrenta problemas. Por um lado, tem em sua base um núcleo de evangélicos que apoiam e que foram totalmente incorporados pelo aparelho interno do partido do Partido Republicano e desempenham um papel que não é diferente do papel desempenhado pelos sindicatos no Partido Democrata. É, portanto, extremamente improvável que alguém consiga a nomeação republicana para a presidência sem receber a bênção dos principais líderes evangélicos. Por outro lado, só os votos evangélicos não são suficientes para obter vitória nas eleições. Os candidatos republicanos bem-sucedidos também devem apelar para eleitores que, embora

prováveis conservadores, não sejam evangélicos. Desta forma, cada um dos principais candidatos para a nomeação republicana de 2008 tem seu próprio desafio particular de alcançar um equilíbrio entre as bases evangélicas e alcançar outros eleitores.⁴⁵

Uma das estratégias importantes das campanhas de Bush nos anos de 2000 e 2004 foi a utilização do discurso religioso nas suas campanhas políticas. George W Bush nunca pareceu hesitar ao expor sua opinião a favor da religião e da moral como princípios que guiam sua vida pessoal e política e também sempre empregou uma retórica religiosa assumindo fortes posições sobre alguns temas tais como aborto, homossexualismo etc. Seus adversários, Al Gore e John Kerry, não conseguiram estabelecer essa mesma identidade religiosa. Também como resultado disso, George Bush foi eleito duas vezes com forte apoio evangélico. Segundo Zakauallah,

A questão é: Por que, apesar do boom econômico, do pleno emprego e da prosperidade geral, o eleitor não deu a Gore uma vantagem decisiva sobre Bush? A resposta está no novo mapa ideológico dos Estados Unidos. Bush carregou a maior parte do Sul, que é o Cinturão Bíblico, e o centro do evangelicalismo. O Sul é o coração do fundamentalismo cristão. Alguém pode estar assustado ao ver Gore perder em seu próprio estado, no Tennessee. Dada a inclinação ideológica de extrema direita, o Tennessee é popularmente conhecido como *The Old Buckle* do Cinturão Bíblico.⁴⁶

Pode-se dizer que existe uma lacuna considerável entre o apoio dos evangélicos protestantes brancos e daqueles sem filiação religiosa. Bush consegue 56% dos votos evangélico em 2000 e 59% em 2004. A margem, quando comparada com o mundo evangélico, é menor entre os católicos, com 47% em 2000 e 52% em 2004. Entre os católicos hispânicos, os números se invertem: 33% votaram em Bush em 2000 e em 2004. Ademais, vale destacar que entre os mórmons a margem se amplia, chegando a 80% em 2004. Já a vitória de Obama contra o republicano John McCain em 2008 se deu, comparando os votos entre os democratas com os republicanos, e em pontos percentuais, em grande parte pelos votos daqueles que não se declararam religiosos que possuem tendência histórica de votação no partido democrata. O quadro *Presidential vote by religious affiliation and race*, publicado pela Pew Research Center, em dezembro de 2008 (<http://www.people-press.org/2008/12/18/part-1-divided-nation/>), e que apresentamos a seguir, demonstra esta composição em porcentagem de votos das eleições dos anos de 2000, 2004 e 2008, levando em consideração a filiação religiosa da população norte-americana.

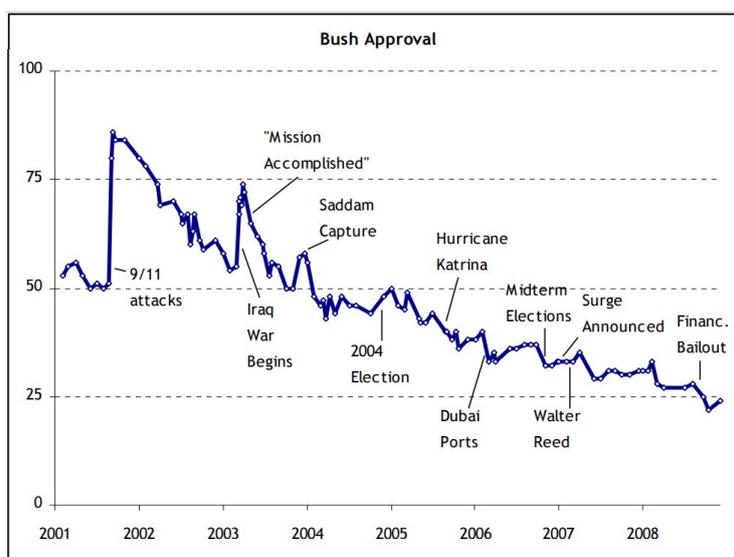
Presidential vote by religious affiliation and race

	2000		2004		2008		2012		2016		Dem change '12-'16
	Gore %	Bush %	Kerry %	Bush %	Obama %	McCain %	Obama %	Romney %	Clinton %	Trump %	
Protestant/other Christian	42	56	40	59	45	54	42	57	39	58	-3
Catholic	50	47	47	52	54	45	50	48	45	52	-5
White Catholic	45	52	43	56	47	52	40	59	37	60	-3
Hispanic Catholic	65	33	65	33	72	26	75	21	67	26	-8
Jewish	79	19	74	25	78	21	69	30	71	24	+2
Other faiths	62	28	74	23	73	22	74	23	62	29	-12
Religiously unaffiliated	61	30	67	31	75	23	70	26	68	26	-2
White, born-again/evangelical Christian	n/a	n/a	21	78	24	74	21	78	16	81	-5
Mormon	n/a	n/a	19	80	n/a	n/a	21	78	25	61	+4

Note: "Protestant" refers to people who described themselves as "Protestant," "Mormon" or "other Christian" in exit polls; this categorization most closely approximates the exit poll data reported immediately after the election by media sources. The "white, born-again/evangelical Christian" row includes both Protestants and non-Protestants (e.g., Catholics, Mormons, etc.) who self-identify as born-again or evangelical Christians.
 Source: Pew Research Center analysis of exit poll data. 2004 Hispanic Catholic estimates come from aggregated state exit polls conducted by the National Election Pool. Other estimates come from Voter News Service/National Election Pool national exit polls. 2012 data come from reports at NBCnews.com and National Public Radio. 2016 data come from reports at NBCnews.com and CNN.com.

PEW RESEARCH CENTER

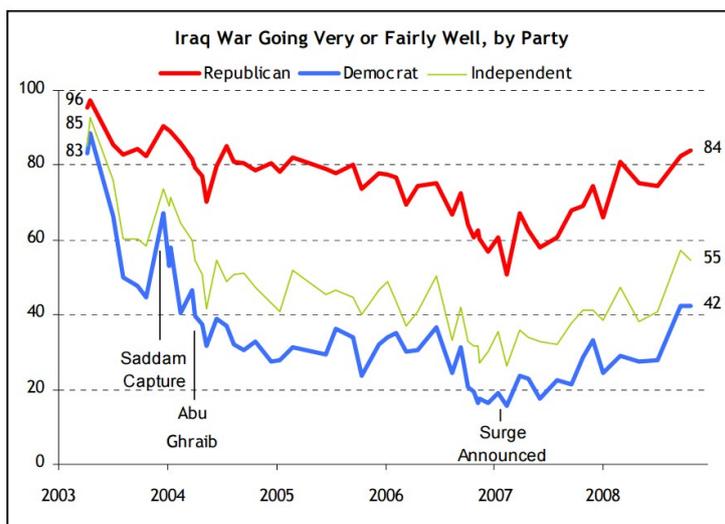
Ademais, a aprovação dos governos Bush filho oscilou em grande medida ancorada na percepção de sucesso de sua política externa. Enquanto a resposta aos ataques de 11 de setembro promove um período de relativa tranquilidade nos índices de aprovação popular, no segundo mandato o índice despenca, em grande medida devido ao esgotamento com as políticas intervencionistas patrocinadas pela doutrina Bush e pelas dificuldades econômicas enfrentadas pelo país. O gráfico abaixo, elaborado pela *Pew Research* (<http://www.people-press.org/2008/12/18/part-1-divided-nation/>), mostra a ascensão e queda da popularidade de Bush, com o ponto máximo após a resposta aos atentados em 2001 e o ponto mais baixo na crise financeira de 2008.



Além de unificar o país em torno de uma pauta, o evento de 11 de setembro agiu de maneira a aumentar o número de filiados do partido republicano. Segundo pesquisa realizada pelo *Pew Research Center*⁴⁷, o partido republicano esteve atrás do partido democrata quanto ao número de pessoas filiadas e assim permaneceu durante a maior parte do século passado. Este quadro mudou no pós 11 de setembro, e por mais que o partido republicano tenha obtido tendências mais favoráveis em relação aos democratas, o problema da questão do descontentamento da questão do Iraque se tornou uma ameaça ao partido. Desta forma, conclui-se que:

Ironicamente, uma das mudanças significativas no cenário político parece ter pouca conexão direta com os eventos dos últimos anos. Segundo o estudo realizado neste ano, é possível identificar uma lacuna mais ampla entre republicanos e democratas no tocante ao compromisso religioso, maior do que em qualquer outro momento do período de 16 anos que o Pew Research Center mediu as atitudes políticas, sociais e econômicas. Esse padrão reflete o crescente número de protestantes evangélicos brancos nos EUA que se filiam ao partido republicano.⁴⁸

Dessa forma, o partido republicano aumentou seus adeptos em 13 dos 50 estados desde o ano 2000. Demograficamente, houve aumento de filiações praticamente em todos os grandes blocos eleitorais à exceção dos afro-americanos. O partido republicano conseguiu obter vantagem sobre os democratas na proporção de dois para um entre os protestantes evangélicos brancos e atraiu inclusive os católicos brancos desde as eleições de 2000. Verifica-se que os republicanos se tornaram mais militantes e defenderam a guerra no Iraque e o uso da força contra os inimigos. O quadro abaixo evidencia esta diferença de percepção entre os partidos sobre a guerra do Iraque.



Verifica-se também que, em 2008, a região do cinturão bíblico votou a favor de John McCain do partido republicano. Entretanto, Barack Obama venceu as eleições com 53% do voto nacional e, levando em consideração o cinturão bíblico, foram 68% dos votos para o republicano John McCain e 31% para Obama. No que se refere ao peso eleitoral do cinturão bíblico, pode-se afirmar que:

Muitas das principais cidades do Cinturão Bíblico são escassamente povoadas. Os dos Estados Unidos, em média, possuem cerca de cem mil habitantes, mas os dois maiores condados do Cinturão Bíblico têm uma população média de pouco mais de 25 mil pessoas. [...] 66% da população dos EUA é branco e não-hispânica, mas os brancos não-hispânicos constituem mais de 80% da população nos dois maiores condados do Cinturão Bíblico. Finalmente, no que diz respeito aos níveis educacionais nos duzentos maiores condados do Cinturão Bíblico, menos de 15% da população adulta possui diploma de ensino superior, enquanto que a média nacional é de 24%. Em suma, esses municípios religiosamente conservadores tendem a ser escassamente povoados, em grande parte compostos de residentes brancos e com forte apoio ao Partido Republicano.⁴⁹

Em suma, a religião guarda uma relação muito forte com a política nos Estados Unidos. Sendo assim, a dinâmica bipartidária está sujeita a esta ligação de fé com a política. Estes dados apontam para a existência de uma sequência lógica entre o cinturão bíblico, a direita cristã e a política externa dos Estados Unidos durante o governo de George W. Bush. A religião é, portanto, um fator muito importante para garantir o tom diferenciado com relação à cultura e à própria política estadunidense e, dessa forma, atua de maneira a ajudar na definição das opções que delineiam o espaço público dos Estados Unidos.

Considerações finais

Fizemos aqui apontamentos sobre o papel exercido pela religião no “cinturão bíblico” e na formulação e execução da doutrina Bush. Concluiu-se que, para entender a política externa dos Estados Unidos, principalmente quando liderada pelo partido republicano, faz-se necessário mapear o papel da direita cristã, em sua grande maioria localizada na região do cinturão bíblico, uma vez que este grupo se mostra crucial tanto na eleição de atores chave como na legitimação da política externa no campo do discurso. Dessa forma, a atuação da região na legitimação da política contra o terror a partir do ideário do “destino manifesto” e do “excepcionalismo”, procurou-se estabelecer vínculos entre o papel da religião e sua influência na sociedade e na política norte-americana e

os desdobramentos na política contra o terror durante o governo de George W. Bush. Esta relação parece ter adquirido sua expressão máxima quando Bush, em discurso realizado

Por vezes, levando em consideração que a religião nesta sociedade é uma fonte de identificação social, verifica-se o crescente envolvimento com a política nos Estados Unidos e, mais especificamente, com o partido republicano. Este tipo de agenda de pesquisa se mostra particularmente importante nos dias atuais, com a ascensão do governo de Donald Trump. Segundo dados da *Pew Research Center*, Trump conseguiu 80% do voto evangélico/branco, 52% do voto católico e 61% do voto mórmon.⁵⁰

Entretanto, a relação entre o cinturão bíblico, a direita cristã e Donald Trump parece ter natureza diferente quando comparada com George W. Bush. Trump não se apropriou, pelo menos por enquanto, do discurso religioso de forma intensa e profunda. Pelo contrário, a campanha de Trump ficou marcada pela violência contra as mulheres e uma coletânea de divórcios (algo complicado para o pensamento cristão, moralista e machista norte-americano). Paradoxalmente, o percentual de votos em Trump aumenta entre cristãos. Segundo Goodstein⁵¹, o comportamento “desviante” de Trump não pareceu ser pior do que a agenda de Hillary Clinton, “acusada” de, se eleita, patrocinar com recursos públicos o fim da liberdade religiosa, e os direitos de homossexuais e transgêneros. Esta situação desnuda, além da relação umbilical entre boa parte do discurso cristão norte-americano com a desigualdade de gênero, a essência da direita cristã daquele país que tem compromisso exclusivo com uma agenda de poder em detrimento de uma coerência teológica. Não a toa, um efeito colateral da atípica eleição de Donald Trump foi a ascensão, embora bastante minoritárias, de correntes mais progressistas em igrejas protestantes e católicas, especialmente no norte do país.⁵²

Notas

1 Professor Adjunto do Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: mendonça@ufu.br

2 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia <gabriel.alribeiro6@gmail.com>

3 PEW RESEARCH CENTER; RELIGION & PUBLIC LIFE. Changing US religion landscape. Washington, DC: Pew Research Center, dez. 2007. Disponível em http://www.pew-forum.org/2015/05/12/americas-changing-religious-landscape/pf_15-05-05_rls2_1_310px/

4 WALLIS, Jim. “Dangerous Religion: George W. Bush’s Theology of Empire.” *Mississippi Review*, vol. 32, no. 3, 2004, pp. 60–72. JSTOR, Disponível em www.jstor.org/stable/20132445 Acesso em 07 Jul. 2017; BERGGREN, D. Jason, and Nicol C. Rae. “Jimmy Carter and George W. Bush: Faith, Foreign Policy, and an Evangelical Presidential Style.” *Presidential Studies Quarterly*, vol. 36, no. 4, 2006, pp. 606–632. JSTOR Disponível em www.jstor.org/stable/27552257. Acesso em: 07 Jul. 2017; DEVUYST, YOURI. “Religion

and American Foreign Policy: the Bush-Obama Divide and Its Impact on Transatlantic Relations.” *Rivista Di Studi Politici Internazionali*, vol. 77, no. 1 (305), 2010, pp. 35–46. JSTOR Disponível em www.jstor.org/stable/42740874. Acesso em 07 Jul.2017.

5 MITCHELL, Bárbara Maria de Albuquerque. “A reapropriação do Destino Manifesto na Estratégia de Segurança Nacional de George W. Bush”. *Revista Mundorama*, Brasília 2013.

6 MATEO, Luiza Rodrigues. “O Lobby de Israel e o primeiro ano da administração Obama”. *Meridiano 47* vol 11, nº 121, set – out. 2010.

7 O trabalho de Luiza Rodrigues Mateo, de 2010, é referência neste assunto.

8 FONSECA, Carlos da. “Deus está do nosso lado: excepcionalismo e religião nos EUA”. *Contexto Internacional*. Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 149-185, jan/jun 2007.

9 FINGUERUT, Ariel. *O Pensamento Neoconservador e a Política Externa de George W. Bush: Percepções da América Latina a partir das crises do Equador e da Bolívia*. Monografia disponível na biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara. 2005.

10 CHAPLIN, Jonathan & JOUSTRA, Robert. *God and Global Order: The Power of Religion in American Foreign Policy*. Baylor University Press, 2010; JOHNSTON, Douglas M. *Religion, Terror, and Error: U.S. Foreign Policy and the Challenge of Spiritual Engagement: U.S. Foreign Policy and the Challenge of Spiritual Engagement*. ABC-CLIO, 2011

11 Ver HENRY, Maureen. *The intoxication of power: an analysis of civil religion in relation to ideology*. Boston: D. Reidel, 1979.

12 Ver nota 4

13 A “religião civil” pode ser entendida como um conjunto de expressões ritualísticas que se referem ao patriotismo e que gera um sentimento de auto adoração e desafio nacional. Isto é, a utilização do hino nacional, da bandeira, feriados nacionais, veneração de textos tais como da Declaração de Independência e da Constituição etc., os quais são os fatores aglutinadores, o elo de ligação entre o povo norte-americano. Por vezes, curiosamente, esta “religião civil” americana não inclui em nenhuma cerimônia pública e em nenhum discurso oficial o nome de Jesus Cristo.

14 RESENDE, Érica Simone Almeida. “As condições de possibilidade da Guerra ao Terror: Americanidade e Puritanismo nas Práticas Discursivas da Política Externa Norte-Americana no pós-Onze de Setembro”. *Século XXI*, Porto Alegre, V.2, N°2, Jul-Dez 2011.

15 Ver nota 7

16 FINGUERUT, Ariel. *The Christian right*. Disponível em: http://paperroom.ipso.org/papers/paper_281.pdf Acesso em: 01 jun. 2014.

17 WALLIS, Jim. “Dangerous Religion: George W. Bush’s Theology of Empire.” *Mississippi Review*, vol. 32, no. 3, 2004, pp. 60–72. JSTOR, Disponível em www.jstor.org/stable/20132445 Acesso em 07 Jul. 2017.

18 WALT, Stephen. O Mito do Excepcionalismo Americano. Foreign Policy. Disponível em <http://portal-legionario.blogspot.com.br/2013/01/o-mito-do-excepcionalismo-americano.html> Acesso em: 15 de mar. 2014.

19 HAYNES, Jeffrey. “Religion and Human Rights Culture in America”. *Review of Faith & International Affairs*, summer 2008, p.73-81

20 DER DERIAN, J. (2002). 9/11: “Before, After, and In Between”. In: Calhoun, C.; Price, P.; Timmer, A, (EDS.) *Understanding September 11*. New York: New Press, 2002.

21 ORTUNES, Leandro. *Religião e o discurso político neoconservador nos Estados Unidos*. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/18976/10405>> Acesso em 06 de junho de 2014.

22 Ver nota 12

23 LONG, Joey. *Religion and U.S. Foreign Policy. RSIS / Religion in Contemporary Society*. Disponível em < <https://www.rsis.edu.sg/rsis-publication/idss/737-religion-and-u-s-foreign-poli/#.WWpT04TyuHt>>

24 Veja nota 17

25 ZAKAULLAH, Muhammad Arif. *Religion and Politics in America: The Rise of Christian Evangelists and their Impact*. Beirut: Arab Scientific Publishers , 2007 ; BOLES, John. *The Great Revival: Beginnings of the Bible Belt*. Lexington: The University Press of Kentucky, c. 1996.

26 CHECCO, Guilherme Barbosa. *História dos Estados Unidos: negros protagonistas: cinema e música na integração racial americana*. Disponível em: http://www.pucsp.br/politica-cult/downloads/GEA_midiateca.pdf Acesso em: 20 fev. 2014.

27 BOGAN, Dallas. *AMERICA'S FIRST BIBLE BELT BEGAN IN NORTHEAST, SPREAD DURING GREAT AWAKENING OF THE 1700S*. Disponível em: <http://www.tn-genweb.org/campbell/hist-bogan/bible.html> Acesso em: 04 jun. 2014.

28 BOLES, John. *The Great Revival: Beginnings of the Bible Belt*. Lexington: The University Press of Kentucky, c. 1996.

29 Como ilustração de como começou o movimento de revitalização da fé na região, ressaltase que o “camp meeting” (acampamentos) foi um fator muito importante para o processo de modo que servia para renovação do interesse religioso das pessoas. Dessa forma, todos os anos eram promovidos estes acampamentos que, por sua vez, eram os responsáveis pelo deslocamento de um grande contingente de pessoas que percorriam vários quilômetros para participar destes encontros em nome da fé.

30 BOLES, John. *The Great Revival: Beginnings of the Bible Belt*. Lexington: The University Press of Kentucky, c. 1996. Pag. 51

31 RESENDE, Érica Simone Almeida. “As condições de possibilidade da Guerra ao Terror: Americanidade e Puritanismo nas Práticas Discursivas da Política Externa Norte-Americana no pós-Onze de Setembro”. *Século XXI*, Porto Alegre, V.2, N°2, Jul-Dez 2011. Página 40

32 RESENDE, Erica Simone Almeida. “As origens ideológicas da Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América de 2002: reflexões nos dez anos do Onze de Setembro”. *Meridiano 47* vol.12, n 126, jul-ago.2011”

33 “América” remete à construção de coletividade homogênea e sem diferenças internas. Quando se fala em “nação” no discurso da guerra ao terror, coloca-se o povo contra a ameaça e se intensifica o sentimento de pertencimento. Quando se fala “povo”, por exemplo, conclama-se o coletivo para a comunidade imaginada, e que coloca a sociedade norte-americana como sendo um corpo social, coeso e uniforme.

34 ABC NEWS. Transcript: President Bush Interview. Disponível em <http://abcnews.go.com/Primetime/story?id=131913> Acesso no dia 15 de julho de 2017

35 STANLEY, Alessandra. TELEVISION REVIEW; Understanding the President And His God. The New York Times. Disponível em <http://www.nytimes.com/2004/04/29/arts/television-review-understanding-the-president-and-his-god.html> Acesso no dia 15 de julho de 2017

36 BUSH, George W. O DISCURSO DE BUSH NO CONGRESSO DOS EUA NO DIA 20 DE SETEMBRO. Disponível em <http://bresserpereira.org.br/Terceiros/TerrorWTC/Bush-Set21-Discurso.PDF> Acesso em: 06 mai. 2014.

37 RESENDE, Erica Simone Almeida. “As origens ideológicas da Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América de 2002: reflexões nos dez anos do Onze de Setembro”. *Meridiano 47* vol.12, n 126, jul-ago.2011

38 CAMPBELL, D. *Writing Security. United States Foreign Policy and the Politics of Identity*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

39 MITCHELL, Bárbara Maria de Albuquerque. “A reapropriação do Destino Manifesto na Estratégia de Segurança Nacional de George W. Bush”. *Revista Mundorama*, Brasília 2013.

40 MONTGOMERY, Leslie. “The Quiet Faith of Condoleezza Rice”. *CharismaMag*, 5/31/2017. Disponível em <http://www.charismamag.com/blogs/487-j15/features/women-of-leadership/2255-the-quiet-faith-of-condoleezza-ric>. Acesso no dia 15 de julho de 2017

41 Ver nota 36

42 BUSH, George W. State of the Union Address. Text of George Bush’s speech. 21/09/2001. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2001/sep/21/september11.usa13> Acesso no dia 15 de julho de 2017

43 FINGUERUT, Ariel. The Christian right. Disponível em: http://paperroom.ipsa.org/papers/paper_281.pdf Acesso no dia 15 de julho de 2017

44 CAMPBELL, D. *Writing Security. United States Foreign Policy and the Politics of Identity*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

45 CAMPBELL, D. *Writing Security. United States Foreign Policy and the Politics of Identity*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998. Página 07

46 ZAKAULLAH, Muhammad Arif. *Religion and Politics in America: The Rise of Christian Evangelists and their Impact*. Beirut: Arab Scientific Publishers, 2007.

47 THE PEW FORUM ON RELIGION AND PUBLIC LIFE. Religion and politics contention and consensus. Washington, DC: Pew Research Center, jul 2003.

48 Ver nota 46

49 WEBSTER, Gerald R. Bible Belt. IN Brunn, Stanley et ali. *Atlas of the 2008 elections*. Rowman & Littlefield Publishers, 2011. Página 273

50 PEW RESEARCH CENTER. How the faithful voted: A preliminary 2016 analysis. NOVEMBER 9, 2016. Disponível em <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/11/09/how-the-faithful-voted-a-preliminary-2016-analysis/>. Acesso no dia 15 de julho de 2017

51 GOODSTEIN, Laurie. Religious Right Believes Donald Trump Will Deliver on His Promises. The New York Times. Disponível em <https://www.nytimes.com/2016/11/12/us/donald-trump-evangelical-christians-religious-conservatives.html> Acesso no dia 15 de julho de 2017

52 MALONE, Scott. ‘Religious left’ emerging as U.S. political force in Trump era. Disponível em <http://www.reuters.com/article/us-usa-trump-religion-idUSKBN16Y114>. Acesso no dia 15 de julho de 2017

Recebido em 06/04/2017

Aprovado em 22/09/2017